



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

DIRECTOR E EDITOR:

Padre Américo

Redacção, Administração e Propriedade:
Casa do Gaiato da Pórtia—Pago de Sousa

Vales do Correio para Cete

Composição e Impressão—Tip. da Casa

N.º 11, Alvaros R. Santa Catarina, 628—Pórtia

Preço 1400

UM DONATIVO

NÃO é outro. É o mesmo donativo de cinquenta contos de que se falou em o derradeiro numero. Nós já tínhamos recebido um lamiré:

Padre Américo, acabo de ler a sua carta aberta e venho dizer-lhe que em Agosto devo receber uma batelada de contos. Lá terá a sua parte e muito gostaria fosse até aos 10. Caso não seja pouco mais tarde deve ser, veja se consegue atrazar uns dias parte do pagamento das obras, e reclame no «Gaiato», se não me ouvir dizer nada. Até que enfim que vem por estes lados. Qualquer dia lá irei. Até lá permita-me que me conserve anónimo e grato como português cristão e socialista.

Nos últimos dias do mês de Agosto, recebe-se um telegrama: Depositei hoje no Banco conforme prometi. Maria de Sousa. Não é nada Maria de Sousa. Pelo texto da promessa, vê-se que é um homem. Um português, cristão e socialista. É sim senhor. Cristão e socialista, são palavras sinónimas. Não se compreende um cristão que não seja um socialista, nem um socialista que não seja um cristão. São irmãos do mesmo ventre. Um sem o outro, não fazem a jornada para a vida eterna. O nosso desconhecido deu da batelada que recebeu. É sócio dos que precisam. Sócio de quem trabalha por amor dos que precisam. Sócio de todas as amarguras e misérias que afligem e consomem a Humanidade. É um socialista cristão. Dá na ocasião precisa, quando o auxílio vale a dobrar. Põe no Banco. Aproveita as facilidades oferecidas pelos organismos bancários. Dá e esconde a mão. Não deixa em testamento. Não espera pela morte. Ele é um sócio activo. Ele sangra. Milita. Sente. Aflige-se. Tem o batismo de fôgo. Os prudentes do século levam a vida inteira a pensar de como não dispôr dos seus bens; das suas bateladas. A miragem das heranças! a desgraça dos testamentos! Tenho aqui uma carta do Pósto da G. N. R. de Ovar, a pedir por uma creança que anda por lá e a comunicar a sorte igual de muitos outros. Ora segundo rezaram os jornais de há dias, viveu ali um homem uma vida inteira a vêr de como havia de dispôr de tal fortuna, que uns dizem vinte e outros sessenta mil contos! Que desgraça! A quem valeu aquela fortuna? A quem vai agora valer? Que resposta a história! Senhor Desconhecido, já que nos quiz valer numa grande aflição, viu-lhe dizer, em paga, de como ela era:

A mecanica da participação nas obras, manda que o dinheiro seja entregue aos interessados na medida em que elas se façam. Mas a gente não dispõe de fundos para as fazer, daí o circulo vicioso em que necessariamente temos de cair; e cairmos, não tivesse o meu amigo apitado. Não dispomos de fundos. Não podemos dispôr de fundos. Somos uma obra social mendicante, pela qual razão temos o suficiente para cada dia, sim, mas não reservas. Temos de ter o suficiente para cada dia. Se tal não fosse, seria o desabar universal. É promessa divina. Nós somos no mundo de hoje uma afirmação categorica e viva da Pobreza do Evangelho e uma testemunha de acusação contra qualquer sociedade religiosa que procure ou cuide que precisa de fundos, de reservas, de heranças, doações—toda essa peste que o Mestre regeitou. Dito isto, continuemos, meu senhor. Sem dinheiros, pois, nem luzes dele, escrevi ao meu companheiro

Padre Adriano a dizer que deixasse ficar o Tojal, à espera de melhores tempos. Que cuidasse de Coimbra, eu cuidaria do Porto, e acabou. Como nós não queremos fazer nome, ou, como mais acertadamente diria o Periquito,—como não somos armantes, facilmente nos conformamos, tomando as coisas como elas veem.

Ora foi precisamente nesta altura que chegou a Paço de Sousa a Sua palavra,—que não é Sua! Telefonei ao Padre Adriano. As obras estão em curso. Se foi um movimento de alegria interior que o levou ao Banco, meu Senhor, que fará hoje, ao saber por estas regras que a sopa caiu no mel!

Que alegria não espalha hoje nas almas, meu Senhor, a leitura deste fundo?! A sua alegria! Quantos vadios de Lisboa se não hão-de fazer homens, pelo alento que um Desconhecido quiz dar aos pobres obreiros da Obra da Rua?! Um socialista cristão não espera pela morte negra. Reparte em vida. Honra lhe seja.

NOTA DA QUINZENA

O fundo deste numero, dá a noticia de um donativo particular de cinquenta mil escudos para a Casa do Gaiato de Lisboa. Donativos mais pequenos em forma de notas, vales e cheques, tem sido e continuam a ser enviados, com palavras muito grandes. Alguem, procurou depositar algumas joias no Banco aonde está a nossa conta corrente, que é o Espirito Santo, e como ali as não aceitassem, tem-nas em casa, às ordens. Lá iremos por elas. O Monte Pio de Lisboa quiz interessar-se a pontos de fazer um apêlo na Emissora Nacional! Assim me veio aqui dizer, à cabana, uma data de rapazes da aldeia: O rádio vem a falar da gente. Estavam eles todos a escutar, depois de ceia, no refeitório, o relato da volta a Portugal, e apanharam noticias do Tojal. Vem lá a falar da gente. Mais. O Montepio Geral fez mais. Distribuiu listas por todas as secções em forma de subscrição para a Obra, tudo controlado pela Direcção, que depositará aonde a gente muito bem quizer. Tudo isto filho de um movimento interior e espontaneo; eu ia a dizer de uma paixão pela obra! São os cruzados. Os cruzados de hoje. Cada século tem o seu génio. Dantes, iam prá Terra Santa resgatar o Sepulcro de Jesus. Hoje, é mais e melhor: Resgatar o próprio Jesus que anda perdido pelos caminhos da nossa terra! Poesia? Prosa colorida? O Evangelho não tem cores nem o Mestre frases. Não fosse a Obra da Rua o Evangelho na rua, e havíamos de vêr quem e quantos por ela se apaixonavam! Mesmo aqueles que são contra, se alguns deles há; até esses, digo, marcam, por isso mesmo, a signa divina que a obra traz no peito!

Sim. Resgatar. Recuperar a Crápula. Rasgar horizontes. Incendiar as almas. Antes da publicação de «O Gaiato», havia a tranquilidade dos espiritos. Noites bem dormidas. Que mais se podia fazer a bem da creança que não estivesse já feito?! Ora essa! Orfanatos. Recolhimentos. Asilos. Rodas. Reformatórios. Tudo. Mas «O Gaiato» aparece. Ele diz o que se faz. O povo vem e vê. Adeus horas tranquilas. Adeus noites bem dormidas. Que é da paz?! De que é que se fala hoje em Portugal? O que é que aflige hoje os portugue-

Assinaturas

PAGAS

O Cortejo prossegue. Não traz carros enfeitados, pró mundo vêr. São corações compungidos, silenciosos, recatados. É o melhor que o homem tem. Esta maneira de dar, por ser tão alta e tão santa, só a Deus. O mundo não compreendo, nem aprecia, nem quer assim. O que não fizer barulho, não presta pra nada. Que pena!

Não vamos dizer hoje que todos os assinantes estão em dia. Não estão. Há sempre um tardio. Mas estes virão a seu tempo. O que nós queremos é que a bicha de novos assinantes não enfraqueça. Que venham todos os dias. Que peçam por si ou por intermédio dos que já assinam.

EM MAIO

Padre João J. Alvares de Moura, Alcains, 100\$; Maria Isabel Súcena Corte Real, S. João da Madeira, 20\$; Padre António Joaquim Marcos, Gouveia, 50\$; José Emilio Santos Pinto Pereira, Lisboa, 25\$; Amélio Fernandes Machado, Castelo de Paiva, 50\$; Olinda Alves da Silva, Proença-a-Nova; Maria Amélia Calado Pereira, Proença-a-Nova, 20\$; Ivo Carlos de Almeida, Proença-a-Nova, 20\$; Henrique da Silva, Mação-Freixo, 20\$; João de Sousa, Proença-a-Nova, 20\$; António Martins Alves, Proença-a-Nova, 20\$; António Martins Alves, Proença-a-Nova, 20\$; Ilídio Henrique Silva, Setúbal, 50\$; Maria Augusta Vieira, Barcelos, 30\$; D. Cecília Saraiva, Coimbra, 100\$; D. Ernestina Sousa, Coimbra, 60\$; D. Alda Lage, Coimbra, Maria Manuela da Conceição Dias de Carvalho, Lisboa, 30\$; Cônego Augusto Maia, Leiria, 20\$; Padre Vieira da Rosa, Leiria, 20\$00; António José Gomes Teixeira, Coimbra, 25\$; Vergílio Parreiro, Lisboa, 50\$; Isobete Salgado, Porto, 20\$; Deolinda Martins Ferreira, Porto, 20\$; Olinda Cândida Lopes, Porto, 20\$; Ilídio A. C. Abreu, Brasil (3 anos), 100\$; Presidente da Câmara Municipal, Setúbal (2 anos), 40\$; Ramiro Pinto Meireles, Paredes (3 anos) 100\$; António Serpa Pimentel, Lisboa, 30\$; D. Francelina Gomes de Lima, Espinho, 20\$.

ALTO LÁ



Fiquei hoje sem almoço aqui na choupana da mata! O cozinheiro desapareceu e quando chegou, estava a comida esturrada! Não pode ser. Vou-me queixar. Quem causa estas desordens? Os Aviadores. Os senhores Aviadores!

Já tem sido assim mais vezes, mas hoje foi particularmente vôo razo. O Bernardino, o cozinheiro, desata pela porta fóra—olha um caça. O Avelino, tinha-me vindo trazer o correio, e larga atraz dele. O Carlos de Tabua, o doente, o do repouso, deixa a cadeira, arre-messa o cobertor e vai no grupo: olha que baixinho. Em frente, na aldeia, são cento e cinquenta vozes e acenos e pinchos e o mais. É o delirio! Os cozinheiros, os sapateiros, os alfaiates, os pedreiros, os carpinteiros, os ferreiros, os troilhas, os do campo, os das casas, os das capoeiras, os dos porcos, o forneiro e seus ajudantes—e os doentes da enfermaria! Oh desordem! Senhores Aviadores, eu preciso de comer! Nós precisamos da paz! Por quem sois; pelo que valeis; pelo muito que vos quero. Por amor das vossas Noivas; por amor das vossas Mães—um nadinha mais alto! Valeu? E até sempre.

ses? A Obra da Rua. Porquê? Porque ela é o Evangelho nas ruas! Ela procura o que não presta. Ela ama o que não presta. Ela transforma o que não presta. Ela faz por recuperar a Crápula. Tenho dito.

Do que nós necessitamos Peditórios

Continuam as toalhas de rôsto e os lençóis de cama. Vêm os pouquinhos. Mais uma toalha e um lençol. Mais seis toalhas. Mais duas ditas. Mais uma data de roupa e no meio duas toalhas. De Lisboa. De Fozcoa. Do Porto. Outra vez Lisboa. Se mais mundo houvera, mais pacotes de roupas havíamos de receber. Mais de Lisboa 50\$ para a Casa de Lisboa. Mais idem idem. Mais no Depósito uma data de material escolar, canetas de tinta permanente, borrachas, roupas e uma nota de mil e uma dita de 500\$ e outras de 20\$ e de 50\$. Mais roupas da Povoia de Varzim. Mais ditas do Porto. Mais uma toalha de Guimarães. Mais roupas de *uma amiga do Pirulas*. Mais do Porto um saco de flocos de aveia. Oh preciosidade! Mais mil escudos retirados de um envelope deixado no Depósito. Mais tres toalhas de S. João da Madeira. Mais roupas da Figueira da Foz. Mais no Porto um senhor que se adianta na rua com um *aqui tem*. Era uma nota. Foi nos Clérigos. Mal eu abri a boca para agradecer, o senhor disse-me, redondo, que não. *Nós é que temos obrigação!* Não me disse o nome, mas disse a profissão. *Sou médico*. E' um médico que fala. Ora eu também assim penso e já o tenho dito, mas fica-me mal. Antes quero que os médicos o digam. Quando todos os homens de fortuna começarem a ler e a compreender *esta obrigação* e a desobrigarem-se dela, começará a miséria social a deixar de ser espectáculo triste, e os senhores mais respeitadas. Menos incendios postos. Menos explosões clandestinas. Menos ataques pessoais. Menos que fazer à policia. Naquela mesma medida em que medirmos, assim seremos medidos. E' do Evangelho. Ai de mim se não prégasse, uma vez que me é dado um tamanho auditório! Mais de S. João da Madeira uma nota de 100\$ para a Casa de Lisboa, *no dia em que Paulo Nicolau abriu os seus olhos para a vida*. Será a Mãe? Será a Avó? Seja uma seja outra, a verdade é que há nisto um gôsto divino em preparar o recém-nascido para a vida. Se todas as Mulheres que vão ser mães assim apresentassem no mundo o fruto de um amor legítimo, em resgate dos filhos da *Obra da Rua*, aborrecidos na hora em que abrem os olhos para a vida! Oh ditoso auspiciar! Oh alicerces de uma Obra que chegaria ao Céu, às avessas da torre de Babel! Meditamos que não teem berço, por amor do berço dos teus! Senhora de S. João da Madeira, já que foi tão sublime na Sua oferta, deixe-me desabafar. Que o nosso Bom Deus acrescente a Sua Casa. Agora um pedido. Um pedido instante. Cintos. Andam os nossos todos de nagalho. Alguns trazem, até, a mão direita ocupada a segurar as calças! Ora isto é um grave inconveniente, porquanto na nossa organização não se permite ninguém a boa vida. O segurar as calças não é considerado um trabalho. Portanto, meus senhores e minhas senhoras, um cinto. Cintos pequenos pra cintas breves. Não temos cá barrigas. Oxalá sejam cento e cinquenta pessoas a oferecerem outros tantos cintos. Assim é que é bonito. Vamos a vêr.

Mais de Vendas do Galizias uma toalha e um lençol. Grão a grão... Mais 300\$ dos Arcos de Val de Vez para uma cama. Mais 500\$ por vale do correio. Mais duas toalhas de rôsto. Tantas toalhas! A prenda mais linda que cada uma delas tem é que, sendo um rôr delas, nenhuma é igual. Nem no tamanho, nem na côr, nem no corte. Eu nunca vi nada igual na natureza e não há nada no mundo mais formoso do que a Natureza. Mais uma toalha. Outra beleza. A beleza das almas. Ora leiam esta carta:

«Junto envio uma toalha para os pequeninos. «Não é bem minha mas é feita da minha ternura «pela Casa do Gaiato. Perguntei à minha irmã «quanto me custaria uma toalha e ao lamentar-me «por não me ser possível dispôr agora dessa «quantia ela perguntou-me: E para que queres «a toalha?—Era para mandar pra Casa do Gaiato. «Calcula V. a minha alegria quando ela me disse: «Dou-te uma que tenho ali. Fiquei radiante, «meu Padre. Sou pobre, não trabalho, e a pequena «reforma que recebo gasto-a em médicos e

UMA CARTA

Continuação da quarta página

Mas a gratidão leva as coisas muito alto. O meu rapaz mede por esta medida e mede bem, por isso, não tem palavras pra agradecer. E lá vai ele no primeiro barco *sulcar os nossos mares até à África*,—vêr terras de Portugal. Boa sorte e que outros dos nossos o sigam.

«pneumotorax. Por isso agradeci, apesar de «tudo, apareceu-me a toalha para mandar».

Quem pode comentar adequadamente? Ele é pobre. O pouquinho de que dispõe, vai-se em medicamentos. Não podia comprar, mas ela apareceu. A toalha apareceu! *Dou-te uma que tenho ali*.

Se os passarinhos do céu procuram e aparecem, quanto mais nós, filhos dilectos do Pai Celeste! Nós somos e valemos mais do que os passarinhos. Mais de Lisboa uns tantos metros de felpo para toalhas. Nunca se viu tal! Há alguma coisa no mundo perene e enexgotavel: *A Caridade*.

Outra vez mais toalhas que uns Visitantes deixaram. Não chegam ainda às catorze mil. Não é natural que cada um leitor desate a comprar e mande sua toalha; nem a gente teria aqui armazem. Mas uma coisa é certa: já não temos necessidade de comprar toalhas por uma grande temporada, ficando assim o dinheiro para outras necessidades. Não é natural, dizíamos, que cada um que nos lê mande uma toalha. Falta de tempo; falta de disposição; falta, até, de dinheiro. Eles são catorze mil e nenhum deles é igual, nem pensam da mesma sorte. Aqui é que se encontra o equilibrio. Os estivadores equilibram o barco; as ideias, o mundo. A carga toda a bombordo faz que ela se afunde. Toda a estibordo,—na mesma. Eis algumas linhas de um carta a confirmar:—*Vossa Reverência revela muita vaidade nos seus artigos. Vossa Reverência em matéria de doutrina diz muita asneira. Também se me afigura que Vossa Reverência tem o gosto pelo ordinário. Et coetera, et coetera, et coetera. E' bom que venha uma assim de vez em quando para que a obra não vá ao fundo.*

Carga a bombordo, carga a estibordo. Equilibrio. Mais de Barrancos uma tarifa. Sim senhor. Cumprido. A desgraça que diz ter entrada no lar, será verdadeiramente uma desgraça? As desgraças somos nós que as fazemos por nossas próprias mãos. São terrenas. As celestes, são graças. Um estudante de Ponta Delgada manda 50\$00 pelo bom resultado do seu exame. Um senhor do Rio de Janeiro faz questão de que uma Missa da sua devoção seja celebrada na capela da nossa aldeia, mandando recado e esmola por um próprio. Mais 20\$00. Mais de Gaia roupas de categoria a pedir que sejam usadas por um Manuel *nome do seu dono que Deus quize para a junto de Si, por quem peço uma prece*. São dádivas que vêm chorar pra nossa aldeia. Desabafos. Confidências. Vê-se que somos um povo eleito. *Pode usar-se sem receio que não há perigo de contágio. Mais carinho. Mais aflicção. Mais amor. E as roupas,—que dizer delas?!*

Mais 20\$00 de Fermil de Bastos. Mais retalhos e 20\$00 de Oliveira de Azemeis. Mais a noticia de que vem lá uma encomenda de açúcar de Moçambique. Mais de Lisboa, roupas. Mais uma carta a dizer que *se Deus me conceder uma graça eu hei-de dar X*. Acho graça a estes negocios da terra feitos com o céu. E se o nosso Bom Deus uzasse a mesma medida para conosco! Dizem-se estas coisas. Escrevem-se estas coisas, sem se dar fé que aquele *Se*, é uma declaração de apêgo ao que somos e ao que temos! Quanto mais cristão não seria dar sem medida nem condições!

Era de uma vez uma senhora muito das igrejas, que me declarou ter uma jóia valiosa para oferecer à obra,—*Se Nosso Senhor me conceder tal e tal*.

—Oh minha rica Senhora, tire lá o *se*. Dê prá frente. Se não fôsse aquela *condiçõzinha*, receberíamos sem pedir,—e que dons! Assim, porque pedimos mal, não recebemos nada. Isto é que as senhoras das igrejas haviam de compreender! Mais duas toalhas e dois lençóis de linho. Linho! Andamos agora a espadelar o nosso. Mais de Braga outro pacote com seis toalhas de felpo e uma dita de linho. Quem será que manda? Será a *senhora do mel*, tão falada cá em casa pelos vendedores do jornal: *aquilo é que ela dá coisas boas à gente!* A carta vem a dizer de umas latas de folha pra fazer copos, e de como há-de mandar. Por encomenda postal. Temos já recebido assim, de outras partes. E desde já um apêto de mão, plo geito que isso faz em nossas casas. Só folheta! Mais de Cantanhede uma toalha e um lençol e um crucifixo muito lindo. Sim senhor. Será usado por um Augusto. Este Augusto andava por lá. Uma creada de servir achou-o e escondeu-o em casa de seus patrões, a ver se poderia ficar. *Que não*. Eles moram num palacete. E vai a creada de servir, mete-se no primeiro comboio e veio até à nossa aldeia. Eu podia comentar, mas antes quero que tu o faças. Mais de Lisboa, roupas usadas. E mais nada.

Continua-se com este capítulo. Antes, eram as viagens a Lisboa que davam interesse e vida às páginas do *famoso*. Agora, são os peditórios. Uma coisa e outra é pedir. Nós somos uma obra social mendicante.

Aqui perto, do hotel do Torre, veio um senhor dizer que estava lá muita gente e que seria ótima ocasião de aparecer... Apareci. O mesmo sucedeu com um outro senhor, do hotel de S. Vicente. Apareci... Trouxe pra casa à roda de seis mil escudos. Números redondos. Não gosto de escrever fracções. Nem nos livros aonde assentamos o que se escreve. Números redondos. A terra é redonda. O senhor que abriu as portas do hotel de S. Vicente e deu ali todas as voltas para eu ser bem recebido, era de Abrantes. Ficou assinante do *Gaiato*. Veio ver a nossa Aldeia e gostou. Disse que se um dia eu voltasse àquela terra pedir, havia de ser melhor sucedido.

Não é preciso. O dinheiro de Abrantes não nos faz falta nenhuma. Não é pelo dinheiro. Não é por mim. Não pela *Obra da Rua*. E' pelos senhores mais as senhoras daquelas terras. Pelo bem dos que precisam. Pelo bem dos que podem dar. Quizera eu mas é que estes fôssem bem sucedidos em dar com alegria, por convicção, não tanto como quem faz, mas sim como quem recebe um favor. Sucedeu na minha jornada ao Ribatejo, receber envelopes. Abria. Ao pé, estava gente da terra. Viam a quantia. Ai vinha uma revelação e um reparo. A revelação, era ser o envelope de uma das pessoas mais ricas do concelho. O reparo era por ter dado tanto. *Tanto!* Que tanto? Uma nota de 50\$00! *V. veio aqui fazer uma revolução. Essa pessoa, nunca deu coisa semelhante*. Está tudo dito.

Dos hoteis acima ditos, fui dar à igreja da Foz do Douro, aonde pedi às missas das 10,30 e do meio dia. Cinco contos redondos outra vez. Nota-se na assistencia uma cara de espanto, assim como quem escuta pela primeira vez o Evangelho. E' o escandalo! Era assim dantes. E' assim hoje. A loucura da Cruz foi sempre escandalo.

Agora, Morris na estrada em direcção a Espinho. Outra vez Espinho. Disseram-me que a gente que estava em Agosto tinha dado lugar à gente de Setembro, e eu fui logo no primeiro domingo ver que tal. Melhor. Mais dinheirinho.

Na capela da Senhora da Ajuda, dois contos trezentos e quê. Na igreja, um nadinha menos de três contos e na Esplanada falhou um bocadinho, sim, mas nada de desanimar. Desta vez fomos almoçar à Granja. Tinha ficado escaldado na tasca da Leonor; dinheiro a mais e comida a menos! O Amândio e o Licínio e o motorista, gastaram 39 escudos. Eu não gastei nada e comi com certeza melhor do que eles. Foi em casa de uma família daquela praia. Chegamos à Aldeia pouco antes de escurecer. O dia tinha sido fraco em visitantes. Trouxe de fóra muito mais dinheiro do que receberam em casa os cicerones. Desta vez ganhei.

Outra vez o Morris na estrada a caminho do Marão. Atravessamos a serra por volta das 10 horas e às doze estávamos no hotel Golf, em Vidago. Eu era pra não ir. Mas pessoa amiga preparou as coisas e disse-me que fôsse. No Golf, andou por dois contos, a passar.

Depois do recado, como é meu costume, estendo a capa sobre uma das mesas e convido os senhores presentes a virem pelo seu pé. Enquanto todos se desobrigavam, eu estava ao largo, sentado a uma outra mesa (o peditório no Golf é sempre na sala de jantar) em conversa com uma senhora, mãe de cinco filhos. Reparei muito numa frase sua e acho-a tão subidamente cristã, que não resisto. Aqui fica: *Uma vez chamada a ser Mãe, sinto que falharei na vida, se não der ao mundo filhos rijo, moral e fisicamente*. Gostei da preocupação daquela Mãe.

Eram horas de sair da sala. Lá estava a capa negra pejada de notas. Nisto entra uma mulher do povo e coloca uma pequenina moeda de prata sobre a mesa, por entre as notas. *E' a roupeira do hotel*, informou a senhora com quem estava conversando. A roupeira do hotel! Foi ela a que deu mais! Ela, a benção daquele peditório.

Do Golf, sigo procurar cama em um dos hoteis. Eu tinha de pedir no Palace às 10 da noite e ficar pró dia seguinte. Tudo cheio. O meu nome andava por lá pregado nas paredes.

Era o cartaz. Eu era o cartaz do dia. Vi nos dois hoteis aonde fui pedir dormida. Soube que também estava em todas as pensões e outros pontos de reunião!

E' preciso. E' por necessidade. E' um dever. De outra forma, quem podia?! A's 22 horas subia as escadas imponentes do imponente hotel.



O Gaiato

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

Director e Editor — PADRE AMÉRICO

ESTEVE na aldeia um grupo de Senhores. Um deles, enquanto visitavam a loja do *Piriquito*, experimentou desejos de fazer a barba e mandou chamar o barbeiro. Não admira. A loja do *Piriquito* é um apetite. Não é esfuizante como as da Rua Augusta, já se vê, mas é alegre e completa. *Piriquito* estava ausente. Ele é também roupeiro. Estava na rouparia. Foi-se chamar. Já o freguês estava na cadeira, quando *Piriquito* chegou.

— Quanto é?
— São sete tostões.
— Pega lá quinze.
Está muito bem e eu acho muita graça à vontade do senhor que se quiz barbear na aldeia. Acho graça. O pior é se isto consta lá fora, outros também querem fazer a barba, *Piriquito* embolsa quinze tostões, há queixas, chegam ao alto, e aí vem o citote. Sim. Disto é que eu tenho medo! Tanto prá Camara, tanto prá Fazenda, tanto pró Turismo. Tudo pra todos e muitas vezes nada pró tendeiro. Estas coisas pode dizê-las quem as sabe e somente as sabe quem convive com a gente da rua. A Obra da Rua sabe.

ENQUANTO se fala do *Piriquito*, vamos contar outro caso. Eu estava a fazer a barba e *Piriquito* mostrame o seu livro de contas correntes com os homens de barba da aldeia. Logo na primeira página vinha o Sérgio com 10 delas. Dez barbas. *Deve-me sete mil reis*, diz o barbeiro. Além dos 70 centavos havia mais uma puxada de 50 ditos em algumas das barbas e eu quiz saber do que se tratava.

— E' brilhantina. Quando eles pedem brilhantina eu ponho e levo mais cinco tostões a cada um.
Ora isto é uma comedia.
Uma verdadeira comedia do *Piriquito* que os fregueses o saibam e abram os olhos. A brilhantina foi um presente que nos deram. Veio de Lisboa juntamente com outros artigos. Mandou-se para a loja do barbeiro para uso de todos e não para proveito do senhor *Piriquito*. Assim é que está certo.

HOJE vieram aqui trazer à cabana uma melancia. Foi o Bartolo que mandou. O Bartolo é um dos ajudantes do hortelão. Mandou ele dizer que é a primeira. Quem a trouxe foi o Teixeira, um dos da turma do campo. Este Teixeira apareceu aqui há tempos vindo do Porto, na companhia de outro que tal, só que mais sabido. Ficaram os dois. O companheiro induziu-o à fuga. Foram-se. Este voltou. Trabalhava. Anda contente. Veio hoje aqui trazer-me uma melancia da nossa quinta. Oferece agora o que dantes roubava. Tanto vale a nossa Obra!

EU já contei de como é a minha vida na cabana. Cozinheiro, um hospede doente mais eu. Ora o cozinheiro tem o arco na cozinha. O arco mal-la varêta. Não dispensa uma coisa nem outra. Onde quer que ele vá, se à horta, se à venda, seja onde for, vai também o arco: *Pi-Pi!* Por este pormenor, já se infere dos cozinhados. Como será o caldo e o mais que o cozinheiro prepara; quais as horas; qual o arranjo da mesa. Tudo tem de ser consoante o arco! Ainda bem que não é costume ter hospedes, além de um ou outro rapaz da aldeia, mas estes também são de arco e não dão fé das deficiências.

ORio Tinto, depois de tirar do forno a boroa cosida, enfia cestos de maçãs apanhadas no chão. São prá merendas. Fazem merendas deliciosas e retiram da tentação de apanhar cada um para si. Eles já sabem que elas são para todos.

AGORA, por rapaz da aldeia, comunica-se aos leitores que *Piriquito* foi um dos que jantou na cabana ontem. Ele veio de mando da senhora trazer uma cesta de alfaxes, foi convidado, aceitou. Eramos quatro à mesa. A mesa é uma das peças da mobília do barco de que já aqui se falou, e dizia bem na tua casa, de boa e elegante que é! Eramos

quatro: o Carlos doente, o *Piriquito*, o cozinheiro do arco mais eu. Foi caldo de abóbora com cebola e feijões novos e foi batatas e foi maçãs assadas no forno com açúcar. A praça é nos campos. O cozinheiro vai pelos feijões e pela hortaliça e fruta à quinta. Vai à origem.

ONTEM ouvi farta discussão na loja do barbeiro. Não estranhei. Aonde o *Piriquito* aí a discussão. Não estranhei, mas quiz saber. Que tinha sido? Era o barbeiro a discutir com um freguês. Cheguei a tempo de ouvir algumas palavras:

— Olha que eu agora não ganho. Estou doente.
— Não quero cá saber. São sete tostões.
Ora vamos a desfiar: O Carlos foi fa-

zer a barba, mas como ela é pouca, fêz só o bigode, na mira de poupar, e deu dois tostões. *Piriquito* não aceita, quer os sete da conta: *eu ensaboei a cara toda*, dizia! Pois não recebeu nada. Quem tudo quer tudo perde.

ENTE as coisas que constantemente nos enviam de todos os cantos, veio um calendário perpétuo, a dizer para quem havia de ser: *para o escritório dos administradores do jornal*.

Em boa hora o fizeram, porquanto, se tivesse chegado sem rotulo, havia de ser fonte de discórdias, enquanto a vida lhe durasse. Mas então o que é o calendário perpétuo? E' um macaco encostado a um lampeão. O lampeão tem uma chapa, na qual encaixam o ano, o mês, a semana e o dia. Quanto à chapa, não há nada a dizer; mas o macaco! Um macaco encostado a um lampião! Nos 2000 é assim. Tudo muito lindo, sim, mas nas jaulas dos macacos é que é. Eles é que são! Será verdade que a gente vem deles?!

ONTEM à noitinha apareceram aqui dois rapazes. Um de 15 outro de 10 anos. Eram irmãos. O pai morrera-lhes há cinco anos. Agora, a Mãe.

— Que quereis que eu vos faça?
— Que olhe por nós!
Se o mundo andasse afinado pelo Decálogo, havia de haver entre nós uma forma de resolver o problema deste rapaz com aquela mesma simplicidade que ele o põe. O rapaz não implora, não encarece, nem sequer faz um pedido. Não é preciso. Ele está ali presente com o seu irmão mais novo pela mão. Ele é o Documento. *Tome conta de nós*. E eu não tomei conta deles. Dormiram aquela noite. No dia seguinte foram engrossar o turbilhão...!

Isto foi ontem. Hoje de tarde, apareceram dois farrapões. Um era tihoso. Diziam-se primos. Seriam? Não sei.

Tome conta de nós. Dormiram aquela noite. Manhãzinha, enquanto os preparava para a retirada, pedi-lhes desculpa de os não poder agasalhar:

— Vedes que nem camas temos. Vocês dormiram no chão!
— Nos portais é bem pior!

Estes dois seguiram as pisadas dos outros dois. Mais turbilhão!

ISTO ontem Isto amanhã. Isto sempre. Levantam-se as pedras da rua, e o mundo continua a digerir! Quem sente? Quem se aflige? Quem bota a mão? Os cristãos dos nossos dias, não sabem medir a altura destas desgraças sociais. Andam inebriados. Uns com as verbenas de caridade, que é agora o tempo delas. Outros, com as grandes manifestações de fé que vão por aí além, feitas de peregrinações e devoções. Os pagãos, esses teem o seu deus — o ventre.

Para quem foi aquela palavra do Mestre, que Ele cumpriu até ao fim? — a

maior prova de amor que alguém pode oferecer ao seu amigo, é dar a vida por ele.

Quem ama como Ele amou?! Que valem verbenas? Para qué devoções? Aonde a fé sem este amor?

CHEGOU ontem à aldeia mais um dos nossos do Lar do Porto, em gôso de férias. E' o Prata, da *Camisolândia*. Espera-se que ele não faça o que fez o Amandio da firma Caiano. Eu somente o soube depois da sua retirada. Eles são tantos e fazem tantas, que é impossível tomar a gente conhecimento delas todas. Foi assim: uma data dos mais pequeninos, subiam avenida acima com um carro de batatas. Amandio ajuda, e até aqui, muito bem, Mas Amandio fez mais. Uma vez o carro despejado, embarca a tropa e deixa ir o carro sozinho avenida abaixo! Resultado: Carocha, Zézito, Barros e batata velha, tiveram de ir prá mãos do enfermeiro. Eis a linda habilidade do Amandio!

ONTEM tomei um taxi no Porto, nos Aliados, para ir algures. Mal me sentei, acodem alguns colegas do motorista, sorridentes: *sabes quem levas?* Sabia. O motorista sabia e até lhes disse

uma coisa e outra? Deram à Casa do Gaiato! Obras de sangue vivem de sangue!

O Chico de Casaldelo é um dos nossos rapazes mais sentenciosos. Revela-se a cada instante. Ele é um dos cicerones. Ontem esteve um carro. Era uma família. Deram 2\$50. Chico entrega e eu recebo. Sem que eu nada dissesse, diz ele: *E' pouquinho, mas tudo ajuda!* Agora por cicerones, — o Presidente veio aqui agora mesmo à cabana, dizer que o Rio Tinto o proibia de mostrar à semana. *Só mostras ó Domingo*. Rio Tinto é o forneiro e Presidente é um dos seus ajudantes. Patrão fala, creado obedece e acabou. Presidente não veio queixar-se. Veio somente comunicar as ordens do seu chefe. Aonde é que está a tal desordem na Casa do Gaiato?!

UMA notícia dos senhores Visitantes: Queiram ter a bondade de se não renderem os cicerones, quando estes, à saída, pedem uma bola. Agora mesmo nos chega do Porto uma encomenda. Fomos a abrir. Que era? Que havia de ser? Uma bola. Uma bola pró Presidente. Ora as bolas são justamente a desordem número um da nossa comu-

nidade. Faltas na obrigação, vidraças partidas, cabeças rachadas; tudo quanto faça sangue e dê matéria a discussões, é a bola. São as bolas!

Por isso mesmo, se os estimados Visitantes nos querem fazer um grande favor, venham cá muitas vezes, observem tudo muito bem observado, tragam muito dinheirinho, — mas bolas não.

VIERAM aqui há dias trazer um pequeno dos lados de Anadia. Não me disseram nada então, mas sou agora informado de uma doença que ele tem, a saber: ferido ou golpe que faça, não veda o sangue! E agora?! Olha pra onde o rapaz veio! Só um milagre!

o nome. No fim da jornada perguntei: — Quanto conta?
— Não conta nada!

Eu gemi. Que não. Dei todas as minhas razões. O motorista tinha as dele: *Não é por sua causa. E' uma oferta à Casa do Gaiato*. A conquista da Rua, na própria Rua, pelos da Rua! E ele ainda se não viu nem compreendeu totalmente, que só o amor é que resgata! Obras de sangue, vivem de sangue. Deu do que era seu. Deu do que lhe fêz falta, aquele motorista. Ele tinha ares de ser um Pai de família. Precisa de todos os seus ganhos para o pão da casa. E deu! A imensa alegria do seus colegas que me viram entrar no carro, é outra dádiva: *sabes quem levas?* Não deram ao homem. Não deram ao padre. Que importa uma coisa e outra? Que vale

Uma Carta

E' do pai da neta da *Obra da Rua*. Ele veio aqui no jornal, mal-la filhinha, como foi visto por todos os leitores em um dos numeros de ha tempos. Era um retrato. Um retrato do pai e da filha. Quanto à avó, a *Obra da Rua*, dessa não ha retratos. Nunca ninguém viu um retrato de Jesus Nazarêno e contudo aonde o homem mais conhecido e mais amado — aonde?! Ora a *Obra da Rua*, é Jesus Nazarêno nas ruas. Aonde a obra mais conhecida e mais amada?! Por ser quem é; por mais nada.

«Fui ao Ministério das Colónias onde fui muito bem recebido, nunca falei com tão elevada personalidade que foi o Snr. Secretário de Ministro o que eu considero um triunfo para a minha fraca pessoa. Fui munido do cartão que o Pai Américo me mandou e por intermédio dele fui até onde queria. Fui então informado de que estava para embarcar no primeiro barco a sair, o que estou a contar ser de dia para dia chamado a sulcar os nossos mares até Africa. Quando tiver oportunidade agradeça ao Snr. Dr. Salvador Vaz d'Almada por mim tudo quanto fez, pois eu não tenho palavras para exprimir o meu reconhecimento.»

O rapaz regosija-se de ter falado com o Secretário do Ministro — *nunca falei com tão elevada personalidade* e cai logo a fundo na sua condição. Diz bem de si e diz bem do senhor que o atendeu. Coloca-se no seu lugar, — *a minha fraca pessoa* e coloca o Secretário do Ministro no seu, — *elevada personalidade*. A força da justiça! Quanto não ganharíamos os homens se se dessem entre si aquilo que a cada um pertence?! Como gosto de dar publicidade a estas cartas, para que o mundo saiba — e ame! Quantos valores perdidos na poeira e no cisco! Quantos os revoltados, justamente porque aqueles que podem e devem, não os têm sabido aproveitar! O rapaz quer que eu agradeça. Agradeça tudo quanto o senhor Doutor Salvador d'Almada fez por ele. *Pois eu não tenho palavras para exprimir o meu reconhecimento*. Mais humildade. Outra vez a humildade. O valor dos valores. Este senhor não teria feito por ele mais do que aquilo que faz por um qualquer. Consta-me que na questão de embarque de colonos, cada um entra na sua vez. Não ha cunhas nem compadres. Sim. Não teria geito.

Continua na segunda página.

Um P. S. ó artigo do Fundo

Agora mesmo chegaram as provas da tipografia. O tipógrafo leu e compôz *portuguesa cristã* aonde eu lera o masculino, como vem no jornal. Quem terá lido bem? Teria sido efectivamente uma mulher, — Maria de Sousa, a depositar a batelada? Uma mulher?! Mulher dos nossos tempos?! Mas então elas não precisam de todas as bateladas para os seus preciosos enfeites?!

Ou teremos nós aqui uma feliz; uma felicissima exceção à regra? Se tal é, muitos, nisto, se não-de alegrar. Eu cá digo que, sendo assim, não tem certamente este dinheiro mais poder de compra, mas vale mais.